

# A crise agrícola e o fascismo britânico: o avanço da *British Union of Fascists* sobre o setor rural na charge da *Punch*

Anna Carolina da Silva Ventura

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil

acarolinaventura20@gmail.com

---

**Resumo:** A Inglaterra testemunhou durante as décadas de 1920 e 1930 o surgimento de pequenos grupos fascistas, como a *British Union of Fascists* (*BUF*). Nesse período, os efeitos econômicos da Grande Depressão impactaram fortemente a agricultura do país, gerando um debate político sobre as soluções para a crise. Nesse contexto, o fascismo se apresenta como a solução para esses eventuais problemas econômicos. Este artigo<sup>1</sup> analisa como as charges da revista *Punch* retrataram o avanço da *BUF* no setor agrário e refletiram a recepção desse movimento no imaginário social inglês. Utilizando o método documentário de Ralf Bohnsack, adaptado à interpretação de charges por Vinicius Liebel, uma charge específica foi selecionada para análise. A pesquisa busca estabelecer um diálogo entre a História Cultural do Político e a Sociologia, com base nos autores Pierre Rosanvallon e Michael Mann. O objetivo é compreender como essa charge específica reflete o imaginário da população inglesa em relação à *BUF*, especialmente no contexto liberal-conservador em que a revista se inseria.

**Palavras-chaves:** Fascistas. Revista *Punch*. Charges. *BUF*.

---

## Introdução

Os efeitos da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão foram especialmente intensos na zona rural da Inglaterra. De acordo com o historiador Paul Brassley (2006), a Grã-Bretanha tinha uma economia largamente dependente da importação de alimentos, entre 1920 a 1939, por exemplo, 45% do total de importações eram de produtos alimentícios. Além disso, durante o período de 1937-8, as importações eram responsáveis por abastecer 76% de suas necessidades de trigo, 60% da cevada, 81% do açúcar, além de quantidades substanciais dos suprimentos de frutas e vegetais. Isso significa que os agricultores britânicos enfrentavam uma concorrência significativa de produtores estrangeiros, o que afetava os preços dos produtos agrícolas e a renda desses agricultores. Dessa forma, a forte dependência da economia inglesa em relação ao mercado global também o tornou vulnerável durante o período de crise. A partir disso, a insatisfação de parte da população que compunha essa camada da sociedade chama atenção da extrema-direita e de incipientes grupos fascistas que vendiam suas ideias como

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa contou com recursos da FAPERJ (processo 203.545/2021) e do CNPq (processo 131037/2025-0).

solução. É nesse cenário que a *British Union of Fascists (BUF)* surge abarcando todos os grupos fascistas menores que eclodiram durante os anos 1920 na Inglaterra. Faz-se importante, dessa forma, compreender como se deu essa aproximação entre fascistas e agricultores durante a década de 1930 e, na mesma medida, como essa relação foi observada pelos atores que compunham os campos político, social e cultural inglês.

Um dos observadores mais atuantes e abrangentes do período era a revista *Punch*, revista ilustrada de humor satírico que circulou na Inglaterra entre os anos de 1841 e 2002. No auge de sua popularidade, entre 1920 e 1940, chegou a vender 175 mil exemplares semanais. As charges da revista caracterizam-se como legítimas fontes históricas, tanto por sua longevidade quanto pelo seu caráter testemunhal frente à ascensão de novos regimes e movimentos totalitários que surgiram na Inglaterra e no mundo. Outrossim, também havia um forte diálogo da revista com o imaginário social da população inglesa, uma vez que o semanário fazia parte da cultura diária dos ingleses, tendo circulação nacional e adentrando diferentes espectros sociais, não apenas o meio conservador de onde ela mesma provinha. Boa parte do acervo de charges da revista está digitalizado e distribuído em sessões temáticas no site da revista<sup>2</sup>.

Percebe-se, assim, que o movimento de ascensão da *British Union of Fascists* e, em decorrência, sua aproximação com os agricultores ingleses se tornou foco dos desenhos publicados na *Punch*, tomando especial atenção dos leitores entre os anos de 1932 e 1936. Assim, a proposta deste artigo é analisar como o semanário satírico concebia essa relação, além de lançar luzes sobre as formas com que o fascismo de forma geral e a *BUF* em particular eram apresentadas em suas páginas. Para tanto, toma-se uma charge representativa para a realização de uma análise mais concentrada, pautada metodologicamente pelo método documentário.

O método documentário de análise de imagens foi concebido por Ralf Bohnsack e adaptado à interpretação de charges por Vinícius Liebel. Seu paradigma principal reside em uma mudança de foco de análise do sentido inerente da fonte para um outro nível analítico, onde o pesquisador se ocupa da natureza profunda e social da fonte. A pergunta muda de “o que” (*was*) é a fonte para “como” (*wie*) ela é produzida, levando em conta sua historicidade e contexto de produção social. Este método visa a uma análise qualitativa do objeto e será melhor explicado no decorrer deste trabalho.

No campo teórico, este artigo se apoia na definição de fascismo feita por Michael Mann (2004), que concebeu o movimento como uma força voltada à construção de um estado-nação transcendente e expurgador; por meio do paramilitarismo (Mann, 2004, p. 13). Cada um desses

---

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: <https://magazine.punch.co.uk/archive>.

cinco elementos — nacionalismo, estatismo, transcendência, expurgo e paramilitarismo — presentes na definição de Mann, ganham protagonismo em sua obra e todos eles são expostos como termos-chaves importantes para a compreensão do fascismo, considerando as especificidades de cada um dos movimentos e suas próprias tensões internas. Necessário destacar que Mann analisa a ascensão do fascismo e não o seu estabelecimento em si. Isso é importante pois abre espaço para o estudo de movimentos fascistas menores e que não conseguiram se estabelecer no poder, como é o caso da *BUF*.

Ainda no referencial teórico, é a partir das considerações de Pierre Rosanvallon sobre a História Cultural do Político que se pautam a base deste trabalho. Rosanvallon define o campo do político como “o lugar de articulação entre o social e sua representação, a matriz simbólica onde a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo” (Rosanvallon, 1995, pp. 9-22). Dessa forma, esse ramo da historiografia tem como base um diálogo entre cultura, sociedade e política, onde Rosanvallon considera importante compreender a História como um terreno multifacetado e que pode ser renovado por meio de muitas vias, sendo o estudo iconográfico uma delas. Nesse sentido, tendo em mente esses diálogos, a análise de charges conduzida por essa pesquisa possibilita a compreensão das manifestações e representações do político na sociedade.

### **A Primeira Guerra, a Grande Depressão e a crise na agricultura: sementes fascistas plantadas na zona rural britânica**

A Primeira Guerra Mundial gerou enormes problemas para a agricultura britânica. Apesar de não ter sofrido com bombardeios severos nessas áreas, os ingleses viram a produção agrícola cair durante o conflito por uma série de fatores, como a política de recrutamento no império britânico. Em 1914, verificou-se uma política de recrutamento de soldados influenciada pelas percepções acerca da saúde dos recrutas, *i.e.*, acerca da saúde precária que os cidadãos urbanos apresentavam em comparação aos camponeses. De acordo com Alec J. Warren (2007), as bases para essas escolhas estavam muito ligadas às teorias do darwinismo social, que considerava o ambiente urbano como propício à degeneração do bem-estar e da saúde humana. Seguindo então essa lógica, passou-se a recrutar uma enorme quantidade de indivíduos de origem rural, fator que ocasionou uma grande escala de mortes para esse grupo se comparado a outros grupos sociais na Inglaterra. O alto índice de mortalidade dos cidadãos rurais diminuiu o número de trabalhadores agrícolas nas regiões da Grã-Bretanha, o que afetou diretamente a economia do Império e a relação desse segmento social com o Estado.

Em uma tentativa de solucionar esse problema, o Parlamento começou a desenvolver leis como a de Assentamento de Terras (*Land Settlement (Facilities) Act*), de 1919.<sup>3</sup> Iniciou-se aí uma política de regulamentação e subsídio do setor agrícola onde o Estado concedia aos condados o direito de fornecer pequenas propriedades aos veteranos da Primeira Guerra Mundial, além da eliminação do requisito de que esses novos proprietários tivessem experiência agrícola. Além disso, um salário mínimo era agora assegurado aos agricultores. O objetivo era então reduzir o desemprego e introduzir nova mão de obra no setor agrícola. Contudo, economicamente essa estratégia já não fazia mais sentido, uma vez que não havia mercado para os produtos agrícolas britânicos. Os agricultores simplesmente não conseguiam vender seus produtos a preços rentáveis em razão do cenário econômico da Grã-Bretanha ser muito mais dependente das fábricas e indústrias urbanas do que do segmento rural. A agricultura perdia cada vez mais mão de obra para as fábricas e sua produção era reprimida pelo mercado global (Warren, 2007). Em suma, mesmo com políticas de povoamento da área rural e de incentivos e protecionismos, a balança comercial britânica pendia francamente para o lado das indústrias, colocando a agricultura na berlinda e à mercê do mercado global.

Para além desses problemas materiais e econômicos, esses agricultores veteranos viviam as cicatrizes psicológicas causadas pela Grande Guerra. Segundo Annette Becker (2019), essa violência psicológica era, na maioria das vezes, irreversível. Isso porque a psiquiatria da época não era avançada o suficiente para lidar com os traumas e estresses adquiridos por esses sujeitos. Tem-se então o seguinte cenário: veteranos de guerra com cicatrizes físicas, mas, principalmente, psicológicas retornando para sua terra natal onde esperavam encontrar um cenário possível para a reconstrução de uma vida digna. O que eles encontraram, no entanto, não os favorecia. Houve uma profunda insatisfação desse grupo que se sentia ignorado pelo Estado, o qual tinham servido na Primeira Guerra e que sentiam não se esforçar o suficiente para solucionar a crise agrícola. Nessa circunstância de procura por representação política, esses agricultores encontraram no fascismo um terreno comum, visto que esses movimentos de extrema-direita partilhavam de uma nostalgia rural e tinham como um de seus objetivos a reestruturação da economia agrária na Grã-Bretanha.

Essa nostalgia rural que os recém-nascidos movimentos fascistas aclamavam estava diretamente ligada ao nacionalismo e a uma rejeição da modernidade, que estes consideravam moralmente degradante. O historiador ambiental italiano Marco Armiero (2014), em artigo publicado acerca da relação entre fascismo e meio ambiente, observou que o discurso pró-natureza do fascismo italiano tinha uma correlação com um ideal ultranacionalista de

---

<sup>3</sup> A lei está disponível no site da legislação do Reino Unido cujo endereço eletrônico encontra-se em: [//www.legislation.gov.uk/ukpga/Geo5/9-10/59/contents](http://www.legislation.gov.uk/ukpga/Geo5/9-10/59/contents).

regeneração cultural, moral e humana. Essa regeneração significava refazer a natureza de acordo com uma purificação da cultura em bases nacionalistas e, conseqüentemente, a construção de um novo italiano, fisicamente forte e racialmente puro. Este discurso violento abrangia também os movimentos fascistas britânicos que defendiam que o regresso à terra era a chave para salvar a sociedade da Grande Depressão e dos “sintomas de decadência” que a causavam (Warren, 2007).

Observa-se a partir disso que uma das muitas características do fascismo britânico que ganha inspiração nos fascismos italiano e alemão é a dicotomia entre um ideal romântico e bucólico com uma narrativa modernizante. Um grande exemplo disso reside nos discursos da *BUF* em relação à economia interna. Mosley afirmava, com ares de exaltação, que a comida produzida em solo britânico pelos camponeses era a melhor e que o Partido Conservador pecou ao deixar de ser o partido da terra para se tornar o partido das altas finanças. Além disso, para ele, o fato da população não consumir os produtos do campo nacional os tornava desenraizados do solo. Percebe-se aí uma narrativa de retorno à terra que se ampliava no discurso econômico. Entretanto, na mesma medida, Mosley defendia uma ampliação dessa produção de alimentos a fim de abastecer todo Império britânico, contando com técnicas modernas de produção em grande escala (Mosley, 2002, p.7). O modernismo rejeitado pelos fascistas estava mais relacionado a uma condição cultural<sup>4</sup> do que um modernismo tecnológico, por exemplo. Jeffrey Herf (1993) cunhou a expressão "modernistas reacionários" para se referir aos oficiais alemães responsáveis pela burocracia no Terceiro Reich, entretanto, tal expressão também mobiliza um paradoxo muito presente no fascismo britânico que buscava um equilíbrio entre um Estado moderno, cuja economia contaria com a modernização industrial, mas também com uma atenção especial ao setor rural.

O fascismo inglês, especialmente a *BUF*, objetivava também a criação de um novo homem fascista, assim como os italianos. Sua criação seria tarefa do movimento no poder, e ele encarnaria as virtudes fascistas do dever, ordem, hierarquia, lealdade e "a moralidade do espartano". Segundo Steven Cullen (1987), isso estaria em forte contraste com a moralidade individualista do governo existente e o estado fascista seria uma negação viva da velha decadência. Nos movimentos autoritários, como o fascismo, o conflito entre o individual e o coletivo se intensifica. Há uma tentativa de supressão da individualidade dos cidadãos em favor da promoção de uma identidade coletiva alinhada com a visão de mundo fascista, buscando padronizar os pensamentos em direção à perspectiva fascista. Além disso, essa rejeição à "velha

---

<sup>4</sup> Isto é, quaisquer temas relacionados a cultura na modernidade, considerados progressistas, eram lidos como degeneração pelos fascistas que prezavam por um conservadorismo nesse aspecto.

decadência" relaciona-se com o que Roger Griffin (1991) chama de "ultranacionalismo palingenético". Esse termo diz respeito à ideia de que o fascismo pode ser regido por um mito central de um "renascimento" ou uma "renovação" que busca origens em um passado mítico. No caso da *BUF*, esse retorno ao passado teria como objetivo reviver a Era Vitoriana (Warren, 2007).

Outrossim, de acordo com o historiador Richard Moore-Colyer (2004), os fascistas eram motivados também e, acima de tudo, pelo medo. À medida que a intensificação da atividade sindical aumentava a ameaça do comunismo, eles consideravam cada vez mais real o colapso da sociedade tradicional e lamentavam o que consideravam como "incapacidade da Grã-Bretanha de proteger o Império". Não apenas isso, mas a mítica conspiração judaico-bolchevique fomentou ainda mais os ataques aos comunistas e judeus. Isso explica, portanto, a aproximação dos fascistas aos trabalhadores do campo como forma de controle às investidas socialistas.

### **A origem da *British Union of Fascists* e sua política agrícola**

Essa onda de grupos fascistas se multiplicou consideravelmente na segunda metade dos anos 1920 e nos anos 1930 e, apesar de terem suas próprias tensões internas, de uma forma geral esses grupos compartilhavam dos mesmos ideais, como o nacionalismo radical e o anticomunismo. Suas aproximações com os agricultores e seus apoios às greves gerais geravam então essa espécie de controle a qualquer proximidade de marxistas com estes trabalhadores. Apesar da variedade de grupos fascistas, foi com o ponto mais baixo da Grande Depressão, de 1929 a 1933, que a *British Union of Fascists* surgiu como o maior movimento fascista da Inglaterra. Eles tinham liderança política e um potencial de influência parlamentar, ao ponto de assustar os membros do Parlamento devido à sua súbita popularidade e sua capacidade de eclipsar praticamente todos os grupos fascistas dos anos 1920.

Oswald Mosley, líder da *BUF*, serviu ao Exército em todos os quatro anos da Primeira Guerra Mundial, ingressando na política ao fim do conflito. Mosley "jogou" em todos os lados da política, tendo feito parte, inicialmente, do partido conservador onde sua postura antiguerra gerou desavenças. Logo após, Mosley mudou para o Partido Trabalhista em 1924, onde ganhou a reputação de ser um ótimo orador, mas também um indivíduo radical. O que antecedeu a saída de Mosley do partido trabalhista em 1929 foram justamente seus ideais radicais que começaram a ser desenvolvidos em 1926 nas propostas de Birmingham. Essas propostas eram econômicas e almejavam mudanças intensas que, se decretadas, teriam limitado o comércio livre, nacionalizado indústrias e iniciado numerosos projetos de obras

públicas destinados a limpar as ruas e cursos de água de Londres, estimular a produção agrícola e reduzindo dramaticamente o desemprego. Essas propostas formaram o alicerce das políticas defendidas pela *BUF* ao longo dos anos.

A grande motivação para a virada fascista de Mosley foi justamente a crise de 1929, causada pela quebra da bolsa de valores de Nova York. Mosley previa que o Império não seria capaz de atenuar os efeitos da crise, causando uma alta no número de desemprego, então começou a elaborar uma série de medidas econômicas que são publicadas no que ele intitulou de "Manifesto Mosley". A ruptura com os trabalhistas aconteceu então no mesmo ano da crise, 1929, em razão da falta de apoio aos seus projetos. Tornou-se claro para Mosley que o Partido Trabalhista não iria apoiar os seus planos explicitados no memorando. Mosley então sai do partido e forma o *New Party*.

No ano de 1931, a crise que inicialmente seria econômica atingiu a estrutura política do governo trabalhista, que sofria por não conseguir elaborar esforços para contornar a Grande Depressão. Matthew Worley (2010) defende que a crise de fato ajudou Oswald Mosley a se estabelecer como um potencial líder, isso porque:

Uma crise que Mosley havia previsto há muito tempo havia chegado e se abateria sobre a Grã-Bretanha se ela não tomasse medidas resistentes para enfrentar suas deficiências. Ao se aproximar do Glasgow Green no final do verão de 1931, Mosley, mais do que a maioria dos políticos britânicos, tinha o direito de dizer: "Eu avisei". [...] Mosley [...] falou por uma hora para uma multidão estimada entre 20.000 e 40.000 pessoas. Falou sobre a ineficiência do Parlamento tal como está organizado atualmente; rejeitou a política fiscal ultrapassada dos principais partidos; defendeu o planejamento econômico e o "isolamento" do Império Britânico (Worley, 2010, p.69) [tradução nossa].<sup>5</sup>

Nesse mesmo episódio, Mosley aproveitou para atrair a juventude em um discurso contra as "*Old Gangs*"<sup>6</sup> afirmando ser necessária a construção de um Estado moderno forte, do qual os jovens pudessem se orgulhar. Esse cenário também colocou à prova o alcance do discurso de Mosley, que atraía cada vez mais pessoas e ecoava na arena pública britânica.

O *New Party* compartilhava muitas das iniciativas de movimentos fascistas no país, mas ele não conseguiu se estabelecer devido ao efeito da Grande Depressão nas eleições de 1931

---

<sup>5</sup> "The crisis that Mosley had long predicted had arrived and would descend on Britain if it failed to take decisive action to confront its economic shortcomings. As he approached Glasgow Green in the late summer of 1931, Mosley more than most British politicians had a right to say, 'I told you so'. Mosley – as leader of the short-lived New Party formed following his secession from Labour in early 1931 – spoke for an hour to a crowd reported to have numbered anything from 20,000 to 40,000. He talked about the inefficiency of parliament as currently organized; he dismissed the outdated fiscal politics of the mainstream parties; he outlined the case for economic planning and the 'insulation' of the British empire" (Worley, 2010, p.69).

<sup>6</sup> Termo pejorativo criado por Mosley para se referir aos políticos, banqueiros e funcionários sindicais que fizessem parte do que ele considerava como uma "política ultrapassada" que não conseguiu livrar a Grã-Bretanha da crise e representava tudo o que o fascismo deveria lutar contra.

que reduziu a participação popular e provocou uma reconfiguração partidária, em que os Liberais foram substituídos pelos Conservadores e Trabalhistas como principais forças políticas. Como resultado, o New Party perdeu todos os assentos que seus membros detinham antes da fundação do partido e não conseguiu eleger nenhum novo representante. Após o fracasso do partido, Mosley viajou para a Itália para estudar o que ele chamou de “novos movimentos” da política europeia, tornando-se amigo de Benito Mussolini e abraçando o fascismo como “a nova direção da Grã-Bretanha”. É aí que, ao retornar para sua terra natal, Mosley forma a *British Union of Fascists*. Acima de tudo, Mosley afirmava querer tirar a Grã-Bretanha dos “fracassos incômodos, improdutivos e prejudiciais do liberalismo” e da “gula” da economia global para criar “uma Grã-Bretanha maior” (Warren, 2017, p.56). O fascismo, ele acreditava, era a chave para conseguir isso.

Em relação a essa influência do fascismo italiano na *BUF*, é importante reafirmar que, de fato, principalmente no setor econômico, Mosley se inspirou fortemente no Estado Corporativo fascista italiano; contudo o adaptou às condições nacionais, conseguindo fundir o corporativismo fascista com seus planos pré-fascistas para a economia britânica. A política econômica da *BUF* era, portanto, composta de ideias nativas e derivadas. Essa aproximação fez com que os cidadãos e as autoridades fizessem uma associação mais estreita, ainda mais depois que, após as enormes dificuldades financeiras da *BUF*, Mosley buscou dinheiro dos regimes fascistas italiano e alemão. Isso também coincidiu com a radicalização da política antissemita da *BUF*, que não foi oficialmente estabelecida a partir de teorias sobre eugenia, como havia sido o caso da Alemanha nazista, mas que permitia que membros do movimento expressassem elementos de antissemitismo biológico por meio das páginas da imprensa fascista. O resultado foi que a *BUF* foi cada vez mais estigmatizada por estar seguindo os moldes do nazismo e o movimento lutou para defender sua própria ideologia aos olhos do público (Warren, 2017, p.69).

O grande nome da política agrícola da *BUF* foi Jorian Jenks, fazendeiro e pioneiro de um movimento orgânico e ambientalista radical. Jenks defendia como pilar central da sua política que o Estado cortasse o investimento estrangeiro e, por intermédio da reforma monetária e da regulamentação das importações, estimulasse a produção doméstica per capita de alimentos. Na mesma medida, trabalharia para reduzir a dívida agrícola, especialmente a contraída pelos agricultores que tinham comprado terras em hipoteca no início da década de 1920. Isso seria possível, segundo ele, por meio da criação de um Banco de Terras Agrícolas garantido pelo Estado e controlado por conselhos de agricultores e banqueiros, que assumiriam a dívida existente a uma taxa de juro reduzida. Ao mesmo tempo, uma Corporação Agrícola seria criada objetivando fixar os preços dos produtos de base de acordo com os custos

apurados, e assim, segundo ele, promoveria uma maior confiança e estabilidade no setor agrícola. Jenks também defendeu um planejamento de produção, distribuição e comercialização em que acumulariam grandes estoques de produtos vegetais e animais como um meio de manter preços estáveis e de fornecer segurança alimentar no caso de uma emergência (Moore-Colyer, 2004, p.360).

Em suma, a ideologia da *BUF* partilhava muitos dos temas e pontos de vista que os grupos de extrema-direita dos anos 1920 defendiam. O medo da perda de identidade nacional, a desconfiança da industrialização, os traumas da experiência da Grande Guerra, o desejo de regressar à terra, o antissemitismo e a pseudociência eugênica, tudo isto formou o núcleo das políticas propostas pela *BUF*. Portanto, os grupos que apoiaram qualquer uma destas ideias acharam razões para se juntarem ao partido no início da década de 1930, transformando a *BUF* num “apanha-tudo” para os representantes da extrema-direita. Essa diversidade ideológica, apesar de ter formado e dado forças à *BUF* inicialmente, na mesma medida custou desavenças e receios de uma destruição do movimento por dentro.

Ao estudar o caso da *British Union of Fascists* utilizando a concepção de fascismo em Michael Mann, percebe-se que a forma organizacional deste movimento se encaixa em praticamente todos os cinco valores-chave desenvolvidos pelo sociólogo. No quesito nacionalismo, Mosley defendia uma crença irrestrita ao Rei e ao país, considerando o amor à pátria um dos mais importantes pontos do fascismo (Mosley, 2002, p.2). No estatismo, Mosley defendia um Estado corporativo fascista o qual, segundo ele, seria “forte o suficiente para manter o anel para o produtor e proteger os interesses do consumidor” (Mosley, 1968, p. 278). Na transcendência, Mosley criticava tanto aspectos do socialismo quanto do capitalismo liberal, além de objetivar uma experiência de governo fascista que transcendesse as divisões de classe (Worley, 2011). No expurgo, as ações da *BUF* partiam mais de um lugar de poder intelectual do que de uma violência direta, apesar de ter, sim, existido alguns confrontos diretos entre os fascistas e os judeus, como é o caso do debate de Olympia<sup>7</sup>. Além disso, o fato de muitos membros e palestrantes da *BUF* serem abertamente antissemitas também corrobora para esta alegação. Por fim, no paramilitarismo temos os *blackshirts*, a milícia da *BUF* que se inspirava nos camisas negras italianos. Apesar de sua postura antiguerra, o papel dessa milícia,

---

<sup>7</sup> Comício realizado no Olympia, espaço de eventos em Londres, que atraiu uma multidão de 15.000 pessoas, contando com 150 membros do Parlamento. O evento foi marcado por uma violência generalizada entre a milícia política de Mosley e os opositores. Tem-se o debate que em razão do conflito, esse comício foi crucial para a perda de apoio da *BUF* e os olhares negativos em relação ao ex-parlamentar enquanto líder (PUGH, 1998).

de acordo com o próprio Mosley, era o de enfrentar e evitar que a violência organizada dos comunistas<sup>8</sup> "interrompesse sua liberdade de expressão" (Cullen, 1993, p.247).

Como pode ser observado, a ascensão da BUF encontra um terreno propício a partir da eclosão da Crise de 29, o que coloca tanto o partido quanto seu líder e sua ideologia no foco central dos observadores político-sociais e da mídia. É nesse contexto que a revista *Punch* vai trazer em suas páginas algumas charges que expõem sua visão sobre esse movimento, dentre as quais trazemos uma representativa para uma análise mais pormenorizada.

Antes de partir para a análise da charge, entretanto, importa explicitar a metodologia utilizada: o método documentário adaptado a interpretação de charges pelo historiador Vinícius Liebel. Ele é composto de dois passos: o primeiro é a interpretação formulada, onde esses sentidos inerentes são expostos, e no qual o foco é na pergunta "o que?". Esse primeiro passo ramifica-se em duas fases: pré-iconográfica e iconográfica, que buscam a composição elementar da imagem. Na fase pré-iconográfica, a busca é por responder o que está representado na imagem por meio da simples descrição dos objetos, personagens e ambientes. Na fase iconográfica, é realizada uma interpretação das ações e gestos presentes na imagem a fim de encontrar um sentido geral para eles, bem como se busca sentidos e significados que transpassem o entendimento dado pelo contexto de produção da imagem. No segundo passo, o da Interpretação Refletida, a ramificação é em três fases: o primeiro é a composição formal, onde a análise é mais técnica e leva-se em consideração os contrastes de cores, as linhas, as sombras etc. Já a análise icônico-iconológica que busca analisar como a imagem é construída com base no "reconhecimento de elementos coletivos, como um país, uma época ou uma classe, bem como de religiões, ideologias e filosofias" (Liebel, 2011, p.175). Por fim, tem-se a análise dos elementos textuais, que podem confirmar ou confrontar os elementos visuais, expondo configurações próprias de sentido geradas por tais elementos.

## Análise da fonte

Ao levar em consideração a contextualização já apresentada e a metodologia traçada, partimos então para a análise da fonte. A charge em questão<sup>9</sup>, produzida em 1934 pelo artista

---

<sup>8</sup> É válido ressaltar que apesar de defender que a violência política dos *blackshirts* era "defensiva", a agressão partiu inicialmente dos próprios fascistas que violentavam judeus e comunistas em seus discursos e narrativas nos comícios.

<sup>9</sup> Em decorrência dos direitos autorais, a charge não pôde ser disponibilizada no corpo do texto. Ela pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: [https://magazine.punch.co.uk/image?bqG=8&bqH=eJwLd\\_YyDOovgoqPN\\_LlqnQJCjAKDcoqMvPMcFw1MjSzMjQwAGEg6RnvEuxs619cnpITou2bX5yTWqkGFot39HOxLQGyQ4Ndg.l9XWxDQeqzvLlyTYOS8nl8ogXiHZ\\_1DbItE4uSMwBYWyJE](https://magazine.punch.co.uk/image?bqG=8&bqH=eJwLd_YyDOovgoqPN_LlqnQJCjAKDcoqMvPMcFw1MjSzMjQwAGEg6RnvEuxs619cnpITou2bX5yTWqkGFot39HOxLQGyQ4Ndg.l9XWxDQeqzvLlyTYOS8nl8ogXiHZ_1DbItE4uSMwBYWyJE)

Ernest H. Shepard, traz um vislumbre do imaginário social da população inglesa com a aproximação da *BUF* ao setor rural. Ela também diz muito acerca de como o lugar de produção<sup>10</sup> da revista enxergava e retratava o avanço e a popularização do fascismo. Seguindo as bases metodológicas já explicitadas do método documentário, convém a análise desta fonte primária.

## Interpretação Formulada

### *Análise pré-iconográfica*

No primeiro passo da interpretação formulada, que é a análise pré-iconográfica, observou-se que o cenário da imagem é uma fazenda. Nela estão presentes dois homens: um veste uma camisa preta e está com a mão esticada, o outro, roupas simples e uma bengala. Animais de diferentes espécies também estão com as patas levantadas, sendo possível observar três galinhas, quatro leitões, um porco, um cavalo, dois patos, um cachorro, uma vaca e uma ovelha, além de um espantalho que também está com uma das mãos levantadas. O espaço entre a vaca e o cavalo e os demais elementos da imagem está separado por uma cerca de madeira, e o cavalo se encontra dentro de uma baia. À frente do porco maior se encontra um cocho, aparentemente vazio, e o espaço de plantio, no qual o espantalho se encontra, não tem qualquer indicação de estar produzindo algo. Todos os animais se encontram sorridentes e entusiasmados, o homem que ocupa a posição centralizada na imagem sorri, enquanto o segundo, nas sombras da imagem, coça sua cabeça.

### *Análise iconográfica*

Na análise iconográfica, percebeu-se que o personagem central, com ar e expressão confiante, representa Oswald Mosley, o líder da *BUF*. Essa identificação se dá, principalmente, por intermédio do traje que o personagem está vestindo: uma camisa preta, uniforme da milícia política da *BUF* conhecida como *blackshirt*, uma das muitas influências do fascismo de Mussolini ao movimento de Mosley (Love, 2015, p. 447-468). Os animais da fazenda e o espantalho fazem uma saudação fascista, assim como o próprio Mosley, e estes podem ser identificados como uma alegoria satírica ao avanço da *BUF* sobre o setor agrícola na tentativa

---

<sup>10</sup> Por se tratar de uma revista, a escolha do chargista está condicionada à linha editorial da revista enquanto produtora retratadora.

de melhorar a economia inglesa. O homem, que pode ser identificado como o fazendeiro, é o único outro ser humano na charge, além de Mosley e, sua linguagem corporal e facial indicam confusão e susto. Há claramente uma conotação negativa e irônica que indica que o fascismo se apropriou de seres não pensantes, que acenam entusiasmados para seu líder, mas que o fazendeiro, um ser racional, observava a situação com estranheza e não era atingido pelo discurso fascista.

## **Interpretação Refletida**

### *Composição formal*

Na interpretação refletida, pode-se observar na composição formal que o foco desta charge recai sobre Mosley. O contraste de cores é um elemento importante: Mosley está com a cor mais escura, destacando-se no meio da fazenda de tons claros. Ele também é a figura mais alta, sendo sua saudação com a mão levantada mais um elemento que parece “esticar” o personagem. Outrossim, os olhares e saudações são destinados ao personagem. Todos os animais estão em volta dele e até mesmo o homem que aparece atrás está olhando diretamente para Mosley fazendo com que ele se confirme como o principal personagem da imagem.

### *Análise icônico-iconológica*

Por meio da análise icônico-iconológica, e levando em consideração o ano de criação da charge, é perceptível que a fonte retrata essa intenção de Mosley de se aproximar das camadas rurais a partir de suas soluções econômicas que tinham foco no setor agrário. Como já observado, a Grande Depressão afetou de maneira intensa a agricultura britânica durante a década de 1930, o que transparece na imagem através da falta de plantações, no espaço onde o espantalho está isolado, e na falta de alimentos para os animais que se reúnem ao redor do líder fascista. Oswald Mosley enxergou nisso uma forma de fazer política. Para Mosley, a crise econômica se atenuava porque faltava unidade no Império: cada país buscava sua autossuficiência econômica, fazendo com que os recursos ficassem cada vez menos disponíveis para a economia da nação. Isso tornava a Grã-Bretanha vítima de sua própria dependência dos mercados estrangeiros.

Mosley acreditava que os principais responsáveis por isso eram os capitalistas estrangeiros que supostamente drenavam finanças e recursos naturais da Grã-Bretanha por

meio do comércio global. É, inclusive, dentro dessa lógica, que o aspecto antissemita de Mosley e da *BUF* ganha forma: as famílias judias ricas envolvidas nesse mercado capitalista global surgiam para ele como os grandes inimigos do Império (Warren, 2017, p.59). Para Mosley, a solução racional seria livrar o Estado desses inimigos, e isso só poderia ser realizado por meio de um Estado fascista forte. Ele planejava uma economia insular, onde a Grã-Bretanha manteria os bens coloniais e os recursos naturais exclusivamente dentro das fronteiras da ilha britânica. Isso confirma também o caráter imperialista do fascismo.

Como demonstrado na charge, esse discurso de Mosley “infectava” as fazendas britânicas. Ele defendia que a produção alimentícia gerada nelas fosse primeiro destinada à Grã-Bretanha e, depois, para as colônias. A ideia pregada era que dessa forma os agricultores britânicos enfrentariam menos concorrência por seus produtos e poderiam vendê-los com mais facilidade a um preço lucrativo. Essas ideias também tinham como objetivo um apelo emocional e carismático aos agricultores britânicos e cidadãos rurais que se sentiam cada vez mais ignorados por seus representantes políticos (Warren, 2017, p. 63). A charge ironiza esse avanço de Mosley aos agricultores representando seu movimento como um “vírus” que se espalhava pela fazenda afetando apenas seres irracionais. Todo o discurso e as propostas do líder fascista, como as que listamos acima, pareciam, ao único ser racional que o escuta na cena, no mínimo, confusas.

### *Elementos textuais*

Além disso, os elementos textuais desta charge compõem uma parte muito importante da análise, visto que também confirmam o que está representado na imagem com a legenda: “Fascismo Infecta a Fazenda. (“Conservadorismo escolheu o Financista. O fascismo escolhe o Agricultor Britânico” - Sir Oswald Mosley, em Appleby)”<sup>11</sup>. A legenda fortalece o modo de pensar do produtor que representa (ou seja, o chargista e, de forma mais ampla, o veículo onde publica), onde por meio do verbo “infectar” confirma a ideia do fascismo como uma doença que pretendia captar os agricultores. Essa visão de mundo e esse *habitus*<sup>12</sup> do produtor que representa é característico da linha editorial da Revista *Punch*, que tendia a ironizar as pretensões de Mosley.

---

<sup>11</sup> “Fascism Infects the Farm (“Conservatism has chosen the Financier. Fascism chooses the British Farmer.” - Sir Oswald Mosley, at Appleby)”.  
<sup>12</sup> *Habitus*, em Pierre Bourdieu, seria uma “estrutura estruturada e estruturante”, inconsciente, um sistema de disposições relacionadas à ação e a estilos de vida que atuam no espaço social (Bourdieu, 2011).

## Conclusão

Como foi demonstrado na análise aqui estabelecida, as charges podem se tornar um dos elementos importantes do campo público, i.e., do campo do político, em particular em contextos nos quais sua propagação se faz mais ampla — se hoje a internet pode auxiliar nessa função, de forma instantânea, até finais do século XX eram os jornais e revistas ilustradas que realizavam essa tarefa. Hannah Arendt (2007) resgata na Grécia Antiga as origens do que seriam a esfera pública e a esfera privada da sociedade. A esfera pública seria onde a ação política<sup>13</sup> se estabelece, e essa só pode ser estabelecida pelos homens por meio da pluralidade<sup>14</sup>. Liebel (2020), ao tratar da visualidade neste campo público/político, destaca sua importância na relação intersubjetiva, onde a existência do outro é essencial para a concepção desta arena pública. Essa existência, segundo ele, seria percebida por meio de imagens, que fornecem coordenadas para a ação no mundo real e servem de base para o pensamento, reflexão e julgamento. O historiador destaca que, na terminologia arendtiana, as ações do espírito (pensar, querer, julgar) se relacionam com o processo de formação de conceitos e abstrações na consciência com a influência do mundo sensorio, destacando a importância das imagens e informações sensoriais na constituição da identidade individual e coletiva. A partir disso, Liebel pontua que as charges, como elementos visuais repletos de significado, desempenham um papel específico no campo do político ao propor narrativas, discussões e conceitos.

As charges da *Punch* desde seus primórdios evidenciaram todos os tipos de questões sociais e políticas da época, não apenas do Império britânico, mas de todo o mundo. Além disso, como já mencionado, a linha editorial da revista sempre esteve mais alinhada à direita conservadora em uma inclinação essencialmente liberal, tendo como público-alvo a classe média britânica abastada (Scully, 2013). Considerando então o papel das charges enquanto difusoras “de valores, de práticas, de ideias e críticas que ganham entrada na arena pública através do filtro do humor político-social das charges” (Liebel, 2020, p.9), percebe-se que essas características do lugar de produção da revista batiam de frente com a postura antiliberal da *BUF* e explicam um pouco as razões das retratações de Mosley enquanto um candidato a tirano megalomaniaco que buscava por meio do fascismo “infectar” tudo o que tocasse. Dessa forma, tem-se aí um grande exemplo da constituição de uma identidade coletiva entre a estrutura editorial da revista e seu público-alvo que tendiam a ver com maus olhos a ascensão dos movimentos autoritários, como o fascismo.

---

<sup>13</sup>A ação política em Arendt é o “fazer junto”. Ela é inerente à condição humana, social e política.

<sup>14</sup>A pluralidade em Arendt é composta pela singularidade de cada indivíduo que compõem a sociedade e sem ela não pode haver política.

Em suma, percebeu-se por meio da análise da charge que o cenário de recepção desse movimento fascista dentro do setor liberal-conservador era extremamente negativo. A *BUF* se destacou ao longo dos anos como um movimento controverso e, em última análise, incapaz de ganhar apoio amplo e duradouro. Isso porque, como observou o historiador Richard Thurlow (1998), o movimento não conseguiu convencer a nação de que os métodos autoritários eram necessários para resolver a crise econômica, além disso, seus eventuais episódios de violência política foram ainda mais decisivos para uma recepção negativa aos olhos do eleitorado britânico. Esses fatores também podem ser explicados pela forte tradição democrática e a solidez das instituições políticas na Grã-Bretanha, que tornaram mais difíceis o avanço do fascismo apesar da expressividade da *BUF* ao longo da década de 1930.

---

#### THE AGRICULTURAL CRISIS AND BRITISH FASCISM: THE ADVANCE OF THE BRITISH UNION OF FASCISTS OVER THE RURAL SECTOR IN THE PUNCH CARTOON

**Abstract:** England witnessed during the 1920s and 1930s the rise of small fascist groups such as the British Union of Fascists (BUF). During this period, the economic effects of the Great Depression strongly impacted the country's agriculture, generating a political debate on solutions to the crisis. In this context, fascism presents itself as the solution to these possible economic problems. This article analyzes how Punch magazine's cartoons portrayed the BUF's advance in the agrarian sector and reflected the reception of this movement in the English social imaginary. Using the documentary method of Ralf Bohnsack, adapted to the interpretation of cartoons by Vinícius Liebel, a specific cartoon was selected for analysis. The research seeks to establish a dialogue between the Cultural History of the Political and Sociology, based on the authors Pierre Rosanvallon and Michael Mann. The objective is to understand how this specific cartoon reflects the imagination of the English population in relation to the BUF, especially in the liberal-conservative context in which the magazine was inserted.

**Keywords:** Fascists. Punch magazine. Cartoons. BUF.

---

#### LA CRISIS AGRÍCOLA Y EL FASCISMO BRITÁNICO: EL AVANCE DE LA BRITISH UNION OF FASCISTS SOBRE EL SECTOR RURAL EN LA CARICATURA DE PUNCH

**Resumen:** Inglaterra fue testigo durante las décadas de 1920 y 1930 del surgimiento de pequeños grupos fascistas, como la British Union of Fascists (BUF). En ese período, los efectos económicos de la Gran Depresión impactaron fuertemente la agricultura del país, generando un debate político sobre las soluciones a la crisis. En este contexto, el fascismo se presenta como la solución a estos eventuales problemas económicos. Este artículo analiza cómo las caricaturas de la revista Punch retrataron el avance de la BUF en el sector agrario y reflejaron la recepción de este movimiento en el imaginario social inglés. Utilizando el método documental de Ralf Bohnsack, adaptado a la interpretación de caricaturas por Vinícius Liebel, se seleccionó una caricatura específica para el análisis. La investigación busca establecer un diálogo entre la Historia Cultural de lo Político y la Sociología, con base en los autores Pierre Rosanvallon y Michael Mann. El objetivo es comprender cómo esta caricatura específica refleja el imaginario de la población inglesa en relación con la BUF, especialmente en el contexto liberal-conservador en el que se insertaba la revista.

**Palabras clave:** Fascistas. Revista Punch. Caricaturas. BUF.

---

## Referências

### Fontes

**PUNCH MAGAZINE.** *Cartoons about Communism and Fascism from Punch.* Punch Magazine Cartoon Archive. Disponível em:

[https://magazine.punch.co.uk/image?&\\_bqG=7&\\_bqH=eJwLd\\_%20YyDQ0v9oqPN\\_LIqn\\_QJcJAKDcoqMvPMcfW1MjSzMjQwAGEg6RnvEuXs619cnpITou2bX5yTWqkGFot39HOxLOGyQ4Ndg.I9XWxDQeqzvLIyTYOS8nI809XiHZ1DbItTE4uSMwBYWyJE&GI\\_ID=%20](https://magazine.punch.co.uk/image?&_bqG=7&_bqH=eJwLd_%20YyDQ0v9oqPN_LIqn_QJcJAKDcoqMvPMcfW1MjSzMjQwAGEg6RnvEuXs619cnpITou2bX5yTWqkGFot39HOxLOGyQ4Ndg.I9XWxDQeqzvLIyTYOS8nI809XiHZ1DbItTE4uSMwBYWyJE&GI_ID=%20). Acesso em: 10 jun. 2025.

MOSLEY, Oswald. **My Life.** London: Thomas Nelson and Sons Limited, 1968.

MOSLEY, Oswald. **Ten points of fascism.** UK: Steven Books, 2002.

MOSLEY, Oswald. **A National Policy.** London: MacMillan and Co. Ltd. 1931.

### Bibliografia

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARMIERO, Marco. Introduction: Fascism and nature. **Modern Italy: journal of the Association for the Study of Modern Italy**, v. 19, n. 3, p. 241–245, 2014.

BECKER, Annette. A Primeira Guerra Mundial, um Laboratório para o Século. In: CORREIA, S.; MORELI, A. **Tempos e Espaços de Violência.** Rio de Janeiro: Autografia / PPGHIS, 2019. 243-260.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASSLEY, Paul. British farming between the wars. **The English countryside between the wars: regeneration or decline**, p. 187-199, 2006.

CULLEN, S. "The development of the ideas and policy of the British Union of Fascists, 1932-40." **Journal of Contemporary History**, vol. 22, n. 1, p. 115–136, 1987.

HERF, Jeffrey. **O Modernismo Reacionário.** Campinas: EdUnicamp, 1993. 13-29.

LIEBEL, Vinícius. "Entre sentidos e interpretações: apontamentos sobre análise documentária de imagens." In: **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, vol. 12, n. 2, p. 172-189, jan./jun. 2011.

LIEBEL, Vinícius. "O historiador e o trato com as fontes pictóricas — a alternativa do método documentário." In: **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 33, p. 372-398, jul./dez. 2016.

LIEBEL, Vinícius. "Marie Marcks: a visualidade do político e o Feminismo ilustrado na Alemanha (1963 - 2014)." **Tempo e Argumento**, Florianópolis, vol. 12, n. 31, e0104, set./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312312020e0104>.

LOVE, Gary. "What's the Big Idea?": Oswald Mosley, the British Union of Fascists and Generic Fascism." **Journal of Contemporary History**, vol. 42, n. 3, p. 447-468, SAGE Publications, Los Angeles, London, New Delhi, and Singapore.

MANN, Michael. **Fascists**. UK: Cambridge University Press, 2004.

PUGH, M. The British Union of Fascists and the Olympia debate. **Historical journal (Cambridge, England)**, v. 41, n. 2, p. 529-542, 1998.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma História Conceitual do Político. **Revista Brasileira de História**: São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22, 1995.

SCULLY, Richard. "A Comic Empire: The Global Expansion of Punch as a Model Publication, 1841-1936." In: **IJOCA - International Journal of Comic Art**, 2013.

THURLOW, Richard. **Fascism in Britain**: From Oswald Mosley's Blackshirts to the National Front. London: I. B. Tauris, 1998.

WARREN, A. J. **Britain's green fascists: Understanding the relationship between fascism, farming, and ecological concerns in Britain, 1919-1951**. Dissertação (Mestrado) - University of North Florida, 2017.

WORLEY, Matthew. Why Fascism? Sir Oswald Mosley and the Conception of the British Union of Fascist. **History**, v. 96, n. 1, p. 68-83, janeiro de 2011.

---

#### **SOBRE A AUTORA**

**Anna Carolina da Silva Ventura** é mestranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); vinculada ao laboratório de pesquisa LAELAPS; monitora de História na Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ).

---

Recebido em 05/08/2025

Aceito em 19/05/2026